



# PLATAFORMA DE PAZ E SEGURANÇA DE CABO DELGÁDO

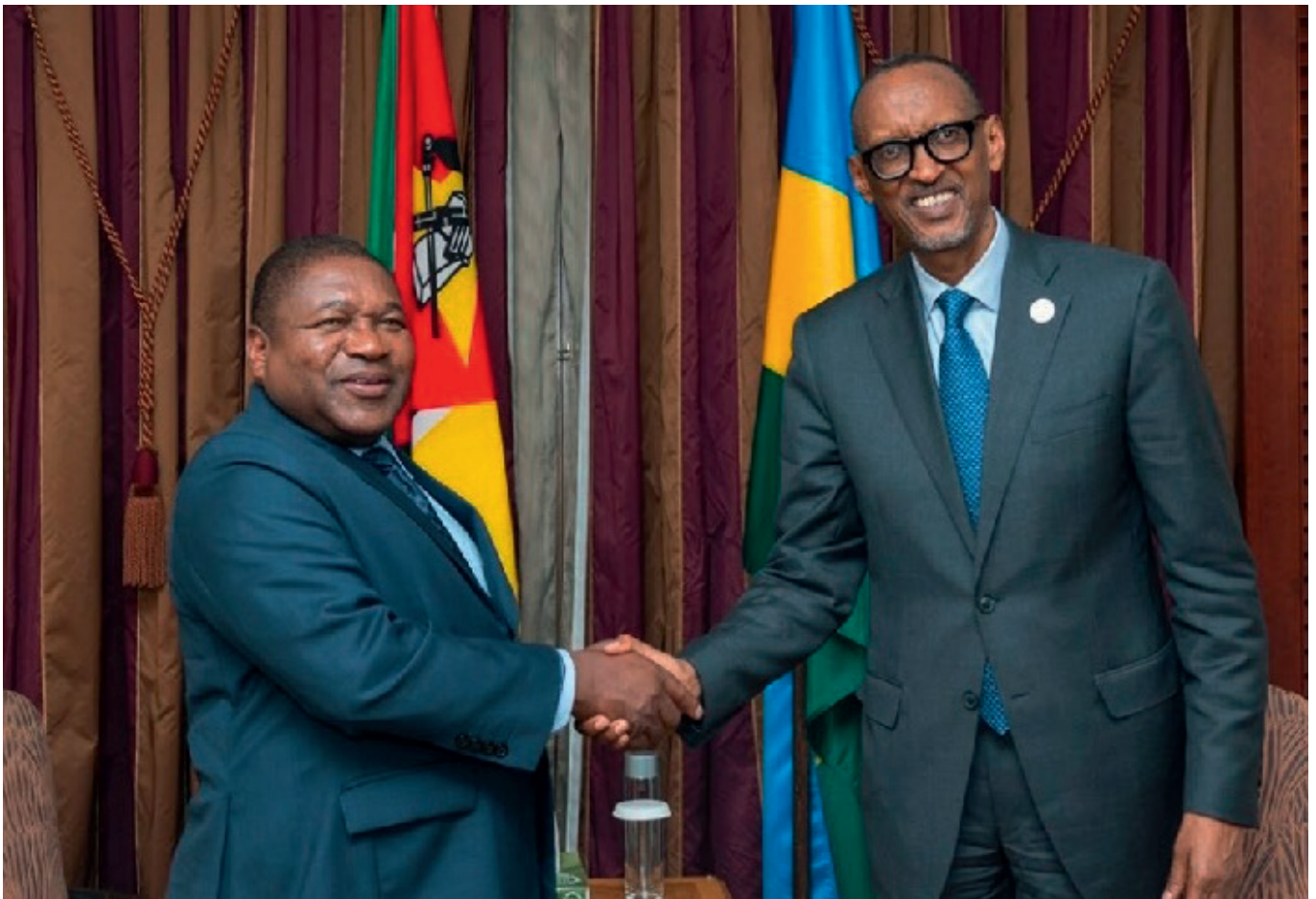


<https://multimedia.europarl.europa.eu>

[www.cddmoz.org](http://www.cddmoz.org)

Sexta - feira, 05 de Julho de 2024 | Ano 3, n.º 53 | Director: Prof. Adriano Nuvunga | Português

## Saída da SAMIM realiza vontade de Nyusi de “entregar” Cabo Delgado aos ruandeses



**T**erminou formalmente ontem, quinta-feira, 4 de Julho, a Missão Militar da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral em Moçambique (SAMIM), sendo que as tropas do bloco regional devem estar fora de Cabo Delgado até 16 de Julho corrente. A SAMIM está em Moçambique desde 2021 a pedido do Governo para ajudar no combate contra terrorismo e extremismo violento que assola Cabo Del-

gado desde 5 de Outubro de 2017. A SAMIM sai alegadamente porque já cumpriu a missão, mas também porque já não há dinheiro para o financiamento das suas operações. Entretanto, o Governo está em desdobramentos internacionais para conseguir financiamento para a missão da tropa ruandesa que no mês passado despachou mais homens para Cabo Delgado, exactamente para operarem nas zonas outrora sob o coman-



do da SAMIM. A saída da SAMIM cumpre uma vontade de Filipe Nyusi de ter apenas a tropa ruandesa em Cabo Delgado. O argumento da falta de fundos pode ser falacioso. Sabemos que a liderança da SAMIM já andava descontente com o tratamento discriminatório que Filipe Nyusi dava às duas tropas, sendo que dava mais atenção aos ruandeses. Outrossim, o bloco regional não estava confortável em combater ao lado da tropa de Paul Kagame, o Presidente do Ruanda, acusado de financiar as operações do M23 na República Democrática do Congo.

A preferência de Nyusi pela tropa de Kigali está a gerar preocupação entre os moçambicanos de bem, sobretudo tendo em conta o facto de que a intervenção não é transparente, principalmente no que toca a ganhos que o Ruanda tem ajudando Moçambique.

Na hora da despedida, o Ministro da Defesa, Cristóvão Chume, disse a SAMIM que tinha sido útil na “perseguição e eliminação dos terroristas em Cabo Delgado”.

Por seu turno, o chefe da SAMIM, Mpho Molomo, reiterou a disponibilidade de ajudar Moçambique.

“Queremos assegurar a Moçambique que nunca vos deixaremos para trás. Garantimos o nosso compromisso de caminhar com Moçambique, em conformidade com o pacto de defesa mútua da SADC”, disse Mpho Molomo.

A intervenção da SAMIM era composta por tropas de Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesotho, Malawi, África do Sul, Tanzânia e Zâmbia. A missão começou com 738 soldados e 19 peritos. Já saíram do Teatro Operacional Norte as tropas de Angola, Botswana, Lesotho e Namíbia. Na região, apenas as tropas da Tanzânia permanecem em Cabo Delgado. A África do Sul mostrou a disponibilidade de continuar mas não teve resposta por parte do Governo.

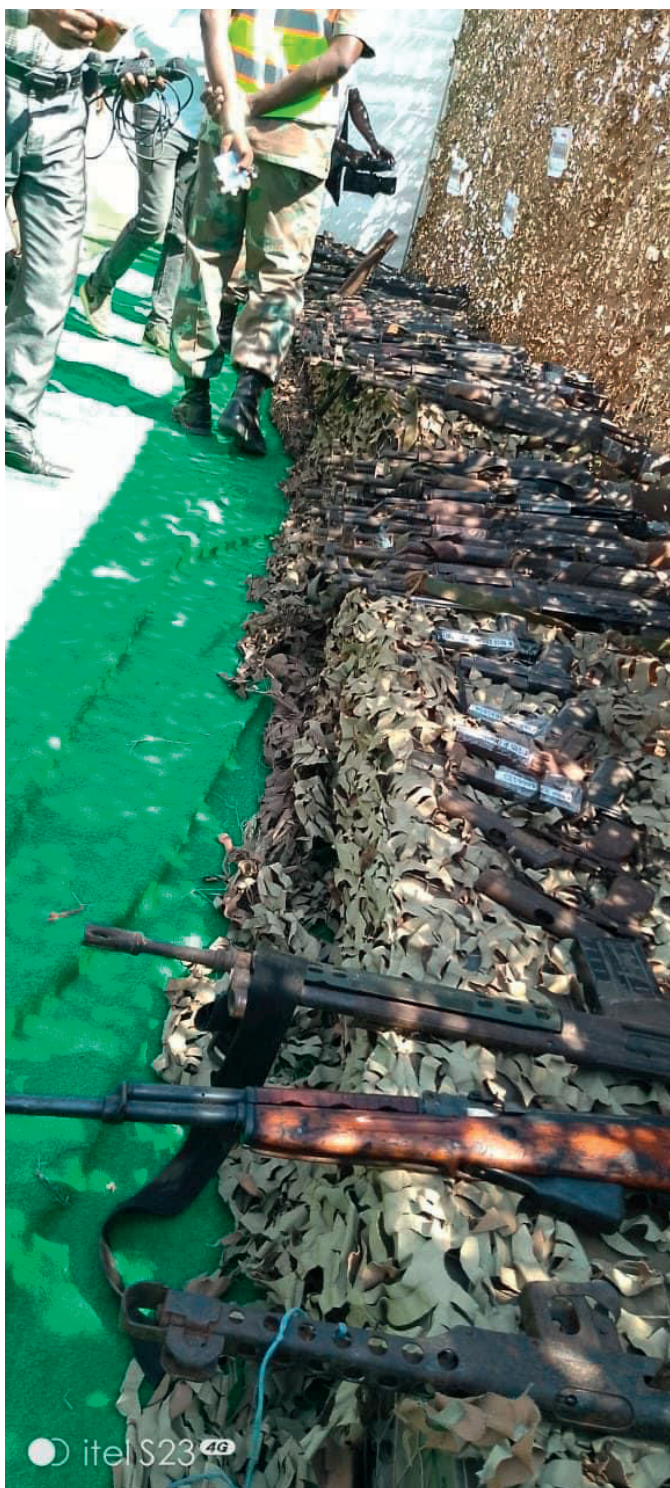
A decisão da desmobilização da tropa da SAMIM em 16 de Julho tinha sido tomada pela Cimeira da SADC havida em 17 de Agosto de 2023, em Luanda<sup>1</sup>, capital de Angola.

Nessa altura, o argumento foi o de que a guerra em Cabo Delgado estava controlada. E de facto, a situação estava controlada, principalmente depois da morte em combate de Ibn Omar, o líder nacional do grupo. Agora, para além da narrativa de que a situação está controlada, evoca-se a falta de fundos e a necessidade de se dar mais atenção à guerra na República Democrática do Congo, onde há um contingente regional.

Tendo em conta a deliberação da Cimeira de Luanda, o primeiro grupo da tropa da SAMIM abandonou o país em Dezembro de 2023.

Antes do encontro entre Filipe Nyusi e Hakainde Hichilema, tinha havido no mesmo dia (23 de Março) uma Sessão Extraordinária da Troika da Cimeira do Órgão Mais a Troika da SADC, os

<sup>1</sup> <https://cddmoz.org/wp-content/uploads/2020/07/Retirada-da-SAMIM-pode-agravar-a-ja-fragil-situacao-de-seguranca-em-Cabo-Delgado.pdf>



Países Contribuintes com Tropas para a SAMID-RC, os Países Contribuintes com Efectivos da SAMIM, a República Democrática do Congo e a República de Moçambique havida no sábado, 23 de Março, em Lusaka, Zâmbia. Nessa reunião, foi implicitamente mantida a decisão de Luanda, na medida em que o comunicado sobre o encontro não contrariou a declaração de Luanda, tendo apenas reiterado o compromisso vertido no Pacto de Defesa Mútua da SADC que prescreve que

“um ataque armado contra um Estado-Membro será considerado uma ameaça à paz e à segurança regionais”.

Enquanto a SAMIM sai, o Ruanda consolida a sua intervenção em Cabo Delgado.

Na mais recente visita do Presidente da República, Filipe Nyusi, a Kigali, capital do Ruanda, ficamos a saber que Kigali vai despachar mais militares, em número não especificado, para se juntarem aos 2500 que se encontram em Cabo Delgado desde 2021. A informação foi partilhada pelo PR na hora do balanço da visita de dois dias (16 e 17 de Maio) que efectuou a Kigali. Era uma mensagem clara que Nyusi emitia do ponto de vista de preferência de ajuda para o combate ao terrorismo depois de prescindir da ajuda da força da SAMIM, alegadamente por falta de dinheiro para financiar as operações da missão, mas tempo em atenção o facto de que o Governo está em desdobramentos internacionais para conseguir financiamento para a missão da tropa ruandesa que no mês passado despachou mais homens para Cabo Delgado. No balanço da visita que fez a Kigali, Nyusi deixou claro que o novo contingente ia garantir segurança nas regiões que eram de actuação da SAMIM.

Informação disponível dá conta de que pesou para a saída da SAMIM a relação tensa que se criou entre o bloco regional e Filipe Nyusi, que é acusado de dar mais atenção à tropa ruandesa. Pesou também para a saída da SAMIM o sentimento de que se estava a combater ao lado da tropa inimiga. É que a SADC tem uma tropa a combater o M23, um movimento apoiado pelo Ruanda. O Presidente da RDC, Félix Tshisekedi, que em 19 de Maio foi vítima de uma tentativa de golpe de estado por indivíduos ligados aos insurgentes que actuam naquele país, tem estado a denunciar que há uma mão de Kigali na guerra na RDC. É preciso lembrar que a relação entre a SAMIM e o Ruanda foi desde os primeiros dias problemática. É que o Ruanda chegou primeiro a Cabo Delgado, ou seja, o Governo criou condições para receber e acomodar o Ruanda antes da SAMIM, o que deixou a liderança do bloco, sobretudo a África do Sul, agastada. A mesma África do Sul, lembre-se, disse há dias que estaria disponível para continuar em Cabo Delgado, mas ainda não teve resposta do Governo.

O Centro para Democracia e Direitos Humanos (CDD) entende que a saída da SAMIM cumpre uma vontade de Filipe Nyusi de ter apenas a

tropa ruandesa em Cabo Delgado. O argumento da falta de fundos pode ser falacioso. Sabemos que a liderança da SAMIM já andava descontente com o tratamento discriminatório que Filipe Nyusi dava às duas tropas, sendo que dava mais atenção aos ruandeses. Outrossim, o bloco regional não estava confortável em combater ao lado da tropa de Paul Kagame, o Presidente do

Ruanda, acusado de financiar as operações do M23 na República Democrática do Congo.

A preferência de Nyusi pela tropa de Kigali está a gerar preocupação entre os moçambicanos de bem, sobretudo tendo em conta o facto de que a intervenção não é transparente, principalmente no que toca a ganhos que o Ruanda tem ajudando Moçambique.



*Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.*

*Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.*

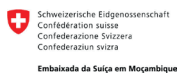
#### INFORMAÇÃO EDITORIAL:

**Propriedade:** CDD – Centro para Direitos Humanos  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Editor:** André Mulungo  
**Autor:** CDD  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschield, Cidade de Maputo.  
Telefone: +258 21 085 797

 CDD\_moz  
**E-mail:** [info@cddmoz.org](mailto:info@cddmoz.org)  
**Website:** <http://www.cddmoz.org>

#### PARCEIROS DE FINANCIAMENTO



Embaixada da Suíça em Moçambique

